

O Batismo Cristão



D

Bispo Ildo Mello · Igreja Metodista Livre do Brasil

Texto-base: Mateus 28.18–20; Romanos 6.3–4; Tito 3.4–7

Objetivo da aula: compreender o que o batismo cristão é, o que ele significa e o que Deus realiza por meio dele, distinguindo-o de rituais anteriores e situando-o corretamente na economia da graça.

Para começar: três perguntas

Antes de abrirmos a Bíblia, quero deixar três perguntas no ar, porque elas costumam estar por trás de quase toda dúvida sobre batismo que chega ao gabinete pastoral.

Primeira: o batismo é algo que **eu faço** para Deus, ou algo que **Deus faz** em mim?

Segunda: se a salvação é pela graça mediante a fé, o batismo é apenas um gesto simbólico, uma espécie de fotografia daquilo que já aconteceu por dentro?

Terceira: o batismo de João Batista, no rio Jordão, é a mesma coisa que o batismo que a Igreja pratica hoje?

Guarde essas perguntas. Elas organizam tudo o que vem pela frente.

1. O mandato: batismo é ordem de Cristo, não invenção da Igreja

O ponto de partida não é a tradição, é a palavra do Senhor ressuscitado:

F E
M

Repare na estrutura da frase. O verbo principal é **fazer discípulos**. Batizar e ensinar são os dois particípios que descrevem como esse discipulado acontece. Ou seja, o batismo não é um apêndice opcional do Evangelho nem um requisito burocrático de filiação denominacional. Ele é parte do próprio movimento pelo qual alguém passa a pertencer a Cristo e à comunidade de Cristo.

E note a ordem: batizar vem antes de ensinar. Isso será importante na segunda lição, mas já vale registrar aqui — o Senhor não disse "ensinem tudo primeiro e depois batizem".

A fórmula também é dada por Cristo: **em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo**. Não é uma frase mágica; é a declaração de a quem aquela vida agora pertence. Onde há água e essa invocação trinitária, com a intenção de ministrar o batismo cristão, há batismo cristão.

2. O que o batismo significa: cinco linhas bíblicas

O Novo Testamento não define o batismo com uma única imagem. Ele o descreve por camadas, e cada camada ilumina um aspecto da mesma realidade.

2.1. União com a morte e a ressurreição de Cristo

i

C

F

C

J

Paulo não está falando de uma semelhança externa. Ele está dizendo que o batizado foi incorporado ao evento da cruz e do túmulo vazio. O mesmo aparece em Colossenses: "tendo sido sepultados juntamente com ele no batismo, no qual vocês também foram ressuscitados por meio da fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos" (Cl 2.12).

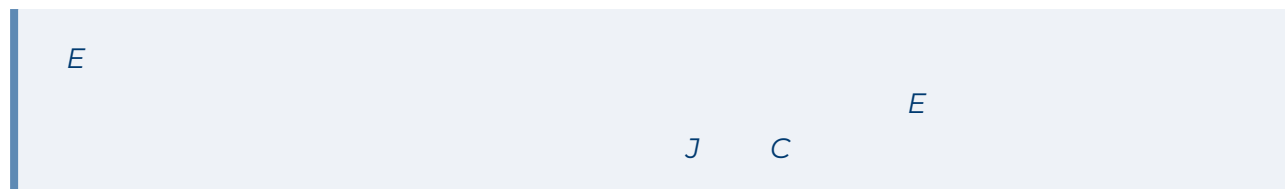
Morte para o pecado, vida nova em Cristo. É essa a lógica moral do batismo, e é por isso que Paulo usa o argumento para combater o pecado deliberado (Rm 6.1-2).

2.2. Purificação e remissão dos pecados

Ananias diz a Saulo: "Levante-se, seja batizado e lave os seus pecados, invocando o nome dele" (At 22.16). Pedro havia dito o mesmo no Pentecostes: "seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados" (At 2.38).

Aqui é preciso cuidado pastoral. A água não tem poder detergente sobre a alma. Quem lava é o sangue de Cristo, aplicado pelo Espírito. O batismo é o **sinal e o selo** dessa lavagem, do mesmo modo como a aliança de Abraão foi selada na circuncisão (Rm 4.11). Pedro faz essa ressalva expressamente: o batismo "não é remoção da sujeira do corpo, mas o pedido de uma boa consciência a Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo" (1Pe 3.21).

2.3. Lavar regenerador do Espírito Santo



Este é um texto decisivo para a teologia wesleyana do batismo. Ele une três coisas numa só frase: **misericórdia divina, regeneração e derramamento do Espírito**. O batismo é o sinal visível de uma obra que é inteiramente de Deus.

2.4. Incorporação ao corpo de Cristo



O batismo é o rito de entrada na comunidade da aliança. Ele derruba as fronteiras étnicas e sociais que a carne insiste em levantar. Ninguém é batizado para dentro de si mesmo; a pessoa é batizada para dentro de um povo.

2.5. Revestir-se de Cristo



A imagem é de troca de roupa: a identidade antiga sai, a identidade em Cristo entra. E, no versículo seguinte, Paulo tira a conclusão social — "não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; porque todos vocês são um em Cristo Jesus" (Gl 3.28).

3. As figuras do Antigo Testamento

O batismo não caiu do céu no capítulo 28 de Mateus. Ele tem raízes plantadas em toda a história da redenção.

- **O sangue nos umbrais** (Êx 12.7,13) — a marca visível de um sinal aplicado externamente garantiu a proteção da casa inteira.
- **A serpente de bronze** (Nm 21.8–9) — a cura veio pelo olhar dirigido ao sinal levantado por Deus, não pelo esforço do ferido.
- **Naamã no Jordão** (2Rs 5.10–14) — o general foi curado quando obedeceu a um rito aparentemente banal, e o texto insiste que a humilhação da obediência foi parte da cura.
- **A travessia do mar** (1Co 10.1–2) — "todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar". Um povo inteiro, marcado por um ato coletivo de livramento.
- **A aspersão de água pura** (Ez 36.25–27) — Deus promete purificar, dar coração novo e pôr o seu Espírito dentro do povo. É a profecia que o Pentecostes começa a cumprir.

Essas figuras não são ilustrações decorativas. Elas mostram um padrão constante: **Deus dá um sinal externo, e esse sinal está ligado a uma promessa real.**

4. O batismo de João e o batismo cristão

Esta distinção resolve boa parte das confusões.

O **batismo de João** era um rito judaico de purificação, ligado ao arrependimento e à preparação para a vinda do Messias. João mesmo demarcou o limite da sua própria atuação: "Eu os batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu... Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Mt 3.11).

O **batismo cristão** é posterior à cruz, ao túmulo vazio e ao Pentecostes. Ele é ministrado na fórmula trinitária (Mt 28.19), significa nascimento "da água e do Espírito" (Jo 3.5) e traz consigo a Promessa do Pai, o dom do Espírito Santo (At 2.38–39; At 1.4–5).

Que a diferença é real, Atos 19.1–7 comprova: Paulo encontra em Éfeso discípulos que só conheciam "o batismo de João" e eles são batizados em nome do Senhor Jesus. Este é o único caso no Novo Testamento em que alguém é rebatizado — e a razão não foi a forma, nem a idade, nem o ministro: foi que o rito anterior **não era o batismo cristão**.

Vale um registro que voltará na segunda lição: o próprio batismo de Jesus no Jordão foi um batismo de João, não um batismo cristão. Ele teve propósito único — inaugurar o ministério messiânico e identificar o Filho com os pecadores (Mt 3.15). Não foi instituído como modelo de idade para ninguém.

5. Batismo e salvação: como manter as duas coisas no lugar

Aqui a teologia wesleyana nos guarda de dois erros que se alimentam mutuamente.

O primeiro erro é o **sacramentalismo mecânico**: tratar o batismo como um automatismo que salva independentemente da fé, da conversão e da perseverança. Isso a Escritura não sustenta. Simão, o mágico, foi batizado e continuou "em fel de amargura e em laço de iniquidade" (At 8.13,23). A água não é amuleto.

O segundo erro é o **simbolismo esvaziado**: reduzir o batismo a um testemunho humano, um comunicado público sem conteúdo divino. Isso também a Escritura não sustenta. Os textos são fortes demais — lavar regenerador (Tt 3.5), sepultados e ressuscitados com ele (Cl 2.12), "que agora também salva vocês" (1Pe 3.21).

A posição wesleyana é a do meio, e não por comodismo: **o batismo é um verdadeiro meio de graça**. Deus age nele, comunica graça por ele, sela nele a sua promessa. Mas essa graça não dispensa a resposta humana; ela a convoca. A graça preveniente vai à frente, desperta, atrai — e espera fé, arrependimento e perseverança.

Dizendo de forma direta: ninguém é salvo pela água, e ninguém deve tratar como vazio aquilo que Deus encheu de promessa.

6. Fé, arrependimento e a prática apostólica

No livro de Atos, o batismo segue de perto a pregação e a fé. Não há catecumenato longo nem lista de exigências prévias: o carcereiro creu e foi batizado naquela mesma madrugada (At 16.33); o eunuco pediu o batismo assim que compreendeu o Evangelho (At 8.36–38); três mil pessoas foram batizadas no mesmo dia (At 2.41).

Isso nos diz duas coisas.

Primeira: para quem vem de fora, **a ordem normal é pregação → fé → batismo → ensino contínuo**. Pedro é explícito: "Arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado" (At 2.38); e Paulo, quanto à confissão: "se, com a sua boca, você confessar Jesus como Senhor e, em seu coração, crer que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo" (Rm 10.9).

Segunda: a demora indefinida em batizar convertidos não tem apoio apostólico. Se a pessoa creu, o sinal da aliança lhe pertence.

7. A minha posição

Encerro dizendo com clareza onde fico.

O batismo cristão é **sacramento**, e não mera cerimônia: sinal visível e selo de uma graça real, instituído por Cristo, administrado com água em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Nele, Deus age primeiro — declarando a quem pertencemos, unindo-nos à morte e ressurreição do Filho, incorporando-nos ao seu corpo e selando a promessa do Espírito. E nele Deus também chama: a fé pessoal, o arrependimento e o discipulado não são substituídos pelo sacramento, são convocados por ele.

Por isso o batismo é **único e irrepetível**. "Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo" (Ef 4.5). Todo batismo trinitário, ministrado com água e com a intenção de ser batismo cristão, é válido — venha ele de qual tradição vier. Repetir o que Deus já selou não aumenta a graça; apenas sugere que a promessa de Deus falhou na primeira vez.

E o batismo é **comunitário**. Ele não pertence ao batizando nem à denominação que o administra. Pertence a Cristo e à sua Igreja.

Aplicação prática

1. **Lembre-se do seu batismo — literalmente.** Lutero aconselhava que, diante da tentação, o cristão dissesse a si mesmo: "eu sou batizado". Não como fórmula, mas como fato. A sua identidade não está na sua consistência espiritual; está na aliança que Deus selou com você.
2. **Ensine antes e depois.** Quem batiza sem ensinar entrega um sinal sem conteúdo. Quem ensina sem batizar retém um sinal que Cristo mandou dar. Mateus 28 pede as duas coisas.
3. **Não trate o batismo como formatura.** Ele é matrícula. O que vem depois é o curso inteiro: "cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 3.18).
4. **Cuidado com o rebatismo por fervor.** Quando alguém já batizado validamente pede um novo batismo por causa de uma conversão ou renovação recente, o desejo costuma ser legítimo, mas o caminho não é repetir o sacramento. Uma cerimônia de memória e reafirmação dos votos batismais atende ao coração da pessoa sem contradizer Efésios 4.5.

Reflexão pastoral

Tenho recebido, ao longo dos anos, muita gente que chega angustiada perguntando se o batismo "valeu". Quase sempre a angústia nasce de um lugar equivocado: a pessoa está olhando para dentro de si, medindo a intensidade da própria experiência naquele dia, e não encontra ali segurança nenhuma. Nunca vai encontrar. Sentimentos oscilam.

O batismo aponta para o outro lado. Ele aponta para o que Deus disse e fez. O nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo foi pronunciado sobre aquela vida, e Deus não se retrata. A

pergunta pastoral certa, portanto, não é "será que meu batismo foi verdadeiro?", mas "estou vivendo hoje aquilo que meu batismo declarou?".

Essa é uma pergunta que se pode responder — e responder de novo, todos os dias.

Perguntas para discussão em classe

1. Qual das cinco imagens bíblicas do batismo (seção 2) você conhecia menos? O que ela acrescenta à sua compreensão?
2. Como você explicaria, para um novo convertido, a diferença entre "a água salva" e "o batismo salva" (1Pe 3.21)?
3. Por que Atos 19 rebatiza os discípulos de Éfeso, e por que esse caso **não** serve de argumento geral para o rebatismo?
4. Na sua igreja local, o batismo é tratado mais como formatura ou como matrícula? O que mudaria na prática se fosse tratado como matrícula?
5. Que resposta pastoral você daria a alguém que, já batizado, pede um novo batismo por causa de uma experiência recente de conversão?

C

N

A

A

NAA

B

I

M